

A CERÂMICA DE VARGINHA (MT) – PRODUÇÃO E TECNO-MORFOLOGIA *

Sintia de Assis Viana**

VIANA, S.A. A cerâmica de Varginha (MT) – produção e tecno-morfologia. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 175-195, 2003.

RESUMO: No presente artigo serão apresentados aspectos referentes à produção da cerâmica na comunidade de Varginha, buscando a compreensão do “saber fazer” desta prática consuetudinária, transmitida de geração a geração. Compreendendo a produção técnica como uma manifestação cultural, buscou-se caracterizar não somente os elementos tecno-morfológicos da cerâmica associados aos espaços funcionais e modalidades de funcionamento, mas também os processos e técnicas gestuais desenvolvidos na produção dos artefatos cerâmicos.

UNITERMOS: Comunidade de Varginha – Cerâmica – Tecno-morfologia – Cadeia operatória.

Introdução

A região da bacia do rio Manso foi alvo de pesquisas de caráter interdisciplinar (envolvendo arqueologia pré-histórica, arqueologia histórica e antropologia), indicando que a confecção de cerâmica consiste em uma prática existente em diferentes comunidades do vale do rio Manso. Dentre as comunidades atuais lá instaladas, muitas confeccionam utensílios de cerâmica e outras utilizam peças obtidas por meio de trocas ou mesmo de compra.

Esta pesquisa baseou-se em fontes originais obtidas a partir de trabalho de campo, que podem ser divididas em observações diretas (*in loco*) e

informações obtidas a partir de entrevistas. Foram utilizados como fontes de apoio dados provenientes das pesquisas antropológicas realizadas anteriormente na comunidade de Varginha,¹ assim como dados dos materiais cerâmicos inseridos nos sítios arqueológicos pré-históricos e históricos localizados na bacia do rio Manso. Essas pesquisas, embora tenham demonstrado uma ocupação bastante recuada na área, que remonta à pré-história, bem como tenham colaborado com dados inéditos acerca do processo de ocupação histórica da região, registrando a presença negra e indígena, não comprovaram uma continuidade histórica e cultural entre esses diferentes grupos e os atuais habitantes da região.

(*) Este artigo é parte de dissertação de mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, realizado junto ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia / Universidade Católica de Goiás, com o título: *A Produção Cerâmica de Varginha: uma prática tradicional*.

(**) Pesquisadora (prestação de serviço) do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.

(1) Foram consultadas entrevistas com nove artesãos, residentes em diferentes partes da bacia do rio Manso, que confeccionam cerâmica. Essas entrevistas foram realizadas no âmbito do *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE - Manso/MT* (Coletivo 2001).

A pesquisa pretendeu, em termos específicos, compreender a prática da confecção da cerâmica, entendida como uma manifestação cultural de caráter tradicional, bem como explorar sua função sócio-econômica na realidade de Varginha, numa perspectiva etnológica (funcional e sincrônica). Aspectos diacrônicos foram explorados em termos pontuais, tendo em vista que não há uma continuidade comprovada entre as diferentes ocupações registradas na região.

Ao selecionar critérios tecno-funcionais da cerâmica, relacionando-os à sua utilização e fabricação, levantaram-se as seguintes questões de ordem sincrônica:²

quais as características funcionais da cerâmica desta localidade (utilização);
em que contexto sócio-econômico atual a cerâmica é fabricada;
quem confecciona a cerâmica na comunidade;
como a cerâmica de Varginha é fabricada.
propriedades tecno-morfológicas da cerâmica.

Foi explorada igualmente, a seguinte questão de ordem diacrônica:

- a origem das ceramistas, documentada em sua genealogia.

Baseando-se em Gardin (1979, *apud* Gallay 1981; 1986), a análise da cerâmica neste trabalho foi estruturada destacando-se as propriedades **extrínsecas** e **intrínsecas** dos artefatos.

Les caractéristiques intrinsèques des objets se regroupent selon J.-C. Gardin (1979) em trois ensembles: les caractéristiques physiques P (dureté, composition chimique, couleur, etc.), les caractéristiques géométriques G (la forme des objets) et les caractéristiques sémiologiques S (les signes et les dessins, l'ornementation des objets). Les caractéristiques extrinsèques sont également au nombre de trois, les caractéristiques de lieu L (où l'objet

(2) Destaca-se que a monografia da qual este artigo partiu, aborda ainda, numa abordagem sincrônica *o comércio como elemento de distinção da comunidade de Varginha*, e na abordagem diacrônica, *as adaptações ocorridas na produção da cerâmica tradicional*, além de uma *comparação entre aspectos tecno-morfológicos da cerâmica de Varginha e os dados provenientes das pesquisas arqueológicas e etnográficas*.

a-t-il été trouvé?, de temps T (de quand date-t-il?) et de fonction F (à quoi sert-il?)³ (Gallay 1986).

Numa perspectiva sincrônica, por propriedades extrínsecas entendem-se os seguintes elementos: a função dos recipientes (utilização), sua função social, os artesãos, as etapas da fabricação e os elementos da cerâmica que distinguem a comunidade de Varginha das demais comunidades da região do Manso (o comércio). Por propriedades intrínsecas, compreendem-se, basicamente, os traços tecno-morfológicos e elementos decorativos da cerâmica (Quadro 1).

Quadro 1

Dados de Ordem Sincrônica	
Dados intrínsecos	Dados extrínsecos
• Propriedades tecno-morfológicas da cerâmica atual (análise qualitativa)	• Função dos recipientes (utilização) • Função social • Quem fabrica a cerâmica • Etapas de fabricação da cerâmica • O comércio como elemento de distinção da comunidade de Varginha ⁴

Em termos diacrônicos, por propriedades extrínsecas compreendem-se os aspectos genealógicos das ceramistas de Varginha. As propriedades intrínsecas diacrônicas não serão abordadas neste trabalho. Estas compreendem os elementos

(3) As características intrínsecas dos objetos se agrupam segundo J.-C. Gardin (1979) em três conjuntos: as características físicas (dureza, composição química, cor etc.), as características geométricas (a forma dos objetos) e as características semiológicas (os signos e os desenhos, a ornamentação dos objetos). As características extrínsecas são igualmente em número de três, as características de lugar (onde os objetos se encontram?), de tempo (de quando datam os objetos?) e de função (para que servem?).

(4) Este item não será abordado no presente trabalho.

relacionados às adaptações ocorridas na produção da cerâmica para atender à demanda de mercado e a comparação dos aspectos tecno-morfológicos da cerâmica de Varginha com dados da cerâmica produzida nos períodos pré-históricos, além da confeccionada pelos indígenas (Quadro 2).

Quadro 2

Dados de Ordem Diacrônica	
Dados intrínsecos⁵	Dados extrínsecos
<ul style="list-style-type: none">• Propriedades morfológicas da cerâmica atual – elementos adaptativos• Comparação das propriedades morfológicas da cerâmica atual com a produzida em período histórico e pré-histórico	<ul style="list-style-type: none">• A origem das ceramistas de Varginha

A comunidade de Varginha: aspectos geográficos e históricos

A comunidade de Varginha localiza-se no estado de Mato Grosso, no município de Chapada dos Guimarães a aproximadamente 80 km a norte dessa cidade e a 16 km do povoado de Água Fria. Situa-se na bacia hidrográfica do rio Manso, próximo às margens do lago formado pela usina Hidrelétrica de Manso (UHE-Manso) nas proximidades do ribeirão Bom Jardim.

O município de Chapada dos Guimarães situa-se a 15°17'25" latitude sul, 55°48'15" longitude oeste Gr, na porção central do estado. Possui uma extensão territorial de 6.494 km², limitando-se com os municípios de Nova Brasilândia, Campo Verde, Rosário Oeste e Cuiabá (Fig. 1). O clima é tropical quente e subúmido, com temperatura média anual de 24°

Com 15.736 habitantes (IBGE, 2000), o município de Chapada dos Guimarães localiza-se a 61 km de Cuiabá, na região de topo da unidade

geomorfológica denominada de Chapada dos Guimarães (RADAMBRASIL, 1982).

A comunidade de Varginha, assim como outras comunidades localizadas na bacia dos rios Manso, Casca e Quilombo abordadas em pesquisas realizadas na região (Amado 2001; Coletivo 2001), consiste em uma comunidade rural predominantemente agrícola, com economia de subsistência, onde notoriamente vive-se com limitados recursos econômicos. Das comunidades localizadas nessa região, cinco são produtoras, entre outros artesanatos, de peças de cerâmica, seja para fins locais, seja para fins comerciais. Registra-se ainda a presença de ceramistas não residentes em comunidades.

O processo de ocupação na região da bacia do rio Manso

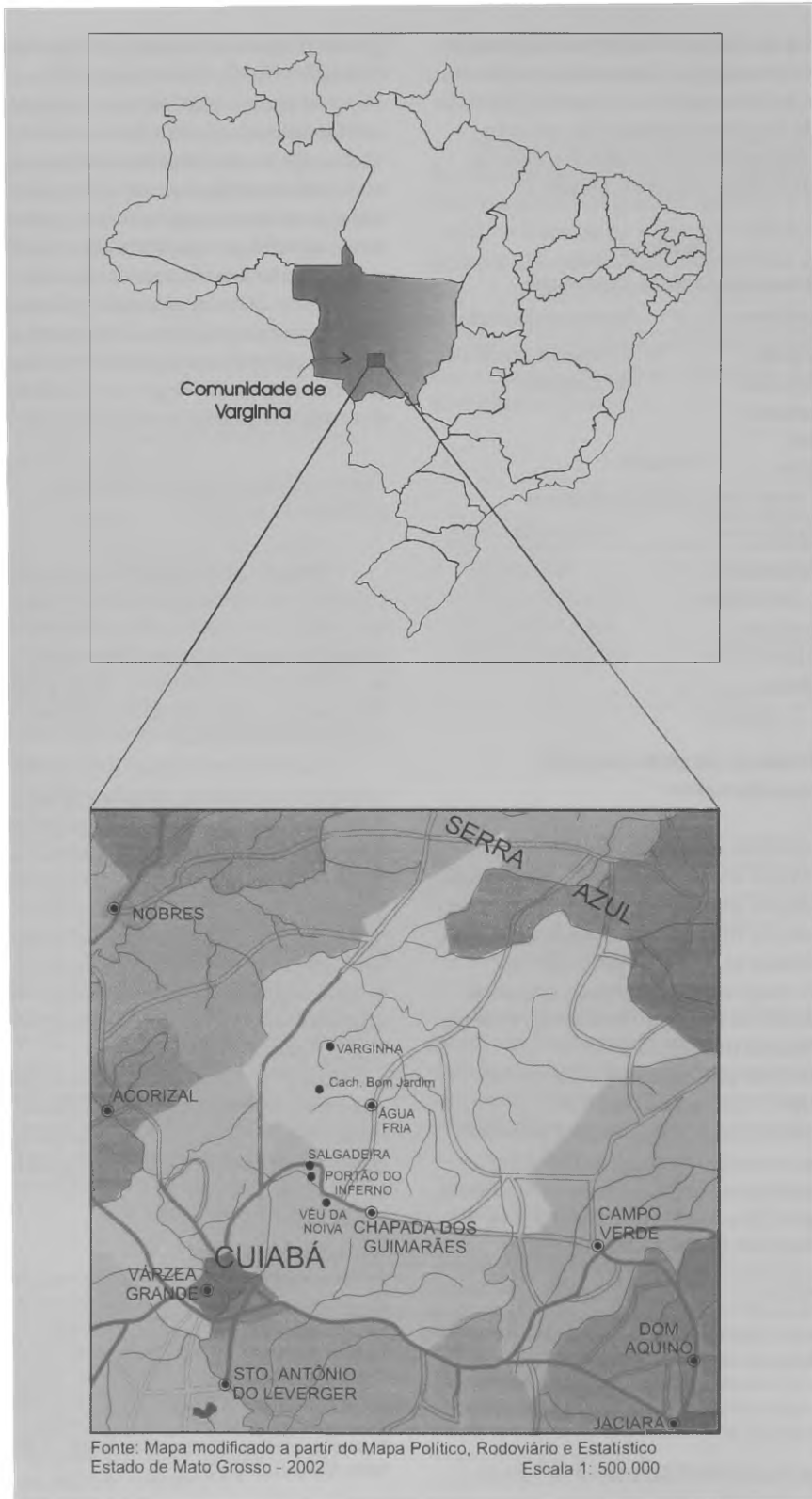
No estado do Mato Grosso, grupos caçadores-coletores viviam em abrigos rochosos e em áreas a céu aberto. Nas proximidades da comunidade de Varginha, datações de 12.120 anos AP referem-se ao sítio Santa Elina (Vilhena-Vialou e Vialou 1994), localizado no município de Rondonópolis-MT, na região do rio Vermelho.

Posteriormente a região foi ocupada por grupos ceramistas cujos sítios arqueológicos forneceram datações de aproximadamente 1.150 AP (Wüst 1990) e 2.000 AP (Vilhena-Vialou e Vialou 1994), especificamente na região do rio Vermelho, Rondonópolis-MT. A partir dos séculos VIII e IX, a ocupação na região foi intensificada pelos grupos ceramistas e agricultores de grandes aldeias, ocupando áreas de planícies e aterros, dando um novo perfil à ocupação regional (Wüst 1990; Viana *et al.* 2002).

Na região da bacia do rio Manso, pesquisas arqueológicas efetuadas em uma área de 427 km² realizaram o resgate de 27 sítios arqueológicos pré-históricos e de quatro sítios arqueológicos históricos.⁶

(6) Tais pesquisas foram realizadas por ocasião do *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE-Manso/MT* e do *Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico da Região da UHE-Manso/MT*, desenvolvidos pelos pesquisadores do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, mediante convênio firmado com Furnas Centrais Elétricas S. A. (Coletivo 2001; Viana *et al.* 2002).

(5) Este item não será abordado no presente trabalho.



As pesquisas arqueológicas relacionadas aos sítios pré-históricos (Viana *et al.* 2002) demonstram uma ocupação que se iniciou há aproximadamente 6.000 AP, com grupos caçadores-coletores, datados no sítio Estiva 2. A ocupação ceramista mais antiga na região está datada em 870 ± 60 e 920 ± 60 AP, representada respectivamente pelos sítios Ribeirão Vermelho 6 e Estiva 1. No entanto, há evidências de vestígios em contextos arqueológicos com datações posteriores, do século III ao XIV, e se referem a dez sítios arqueológicos (Viana *et al.* 2002).

As pesquisas relacionadas aos sítios arqueológicos históricos na região (sítios MF 13 – Tapera do Pingador; M 33 – Fazenda Engenho do Quilombo; M 63 – Taperão e M 125 – Buritizinho) abrangem contextos que vão do final do século XVIII até o final do século XIX e privilegiaram o estudo dos artefatos associados aos grupos escravos, em particular o material cerâmico, presente em todos os sítios analisados.

A documentação acerca da presença indígena na bacia do rio Manso, realizada por Curt Nimuendajú (1987), indica a presença de dois grupos indígenas na região, o que encontra ressonância nos textos históricos sobre o Mato Grosso, sintetizados no levantamento histórico da região (Coletivo 2001): os Bakairí e os Bororo.

A ocupação da região da bacia do rio Manso se intensifica, a partir de 1720, em decorrência das investidas, por parte da Coroa portuguesa, de ocupação do interior do país. A ocupação se deu com o advento, num primeiro momento, da mineração e, posteriormente, em decorrência da agricultura (Coletivo 2001). Além de grandes fazendas, a região abriga inúmeras comunidades (entre elas Varginha) de pessoas descendentes de garimpeiros, figura muito freqüente no processo inicial de ocupação da região.

A comunidade de Varginha

A comunidade de Varginha formou-se aproximadamente em 1969, quando o Sr. João Paulino Mamoré, falecido há 24 anos, ocupou, por meio de posse, cerca de 500 ha de terras. O Sr. João Paulino Mamoré e sua esposa, Maria Margarida Mamoré, falecida há 12 anos, vieram da região do córrego do Pingador, também município de Chapada dos Guimarães, onde ainda possuem parentes.

Descendentes do casal se instalaram nas imediações, de forma que atualmente a comunidade possui doze edificações relativamente próximas entre si, consistindo em um colégio e onze residências, com cerca de 65 pessoas. Quatro dos filhos do casal moram na comunidade, os Srs. Domingos Ângelo Mamoré, Manuel João de Deus Mamoré, Xisto Fenício Mamoré Crisóstemos e a Sra. Brazilian Maria Crisóstemos Mamoré, constituindo quatro das residências.

As famílias que compõem a comunidade são unidas, além dos vínculos de parentesco, por vínculos religiosos, culturais e econômicos, marcados por uma série de práticas que colaboram para a manutenção e a coesão do grupo. Foi possível identificar alguns elementos de coesão do grupo, como as atividades lúdico-religiosas, o compadrismo, as práticas de auxílio mútuo e benzedura, as histórias de vida marcadas por dificuldades de sobrevivência com precárias condições sócio-econômicas e a própria configuração territorial.

Varginha é uma comunidade rural predominantemente agrícola, com uma economia de subsistência e comércio com a cidade de Chapada. Notoriamente, lá vive-se com limitados recursos econômicos. A produção alimentar envolve o cultivo principalmente de arroz, milho, mandioca e feijão, este último destinado apenas ao consumo local. Já o cultivo de mandioca, além de atender às necessidades locais, é destinado à comercialização da raiz, bem como dos produtos dela obtidos, como a farinha e o polvilho.

Outras atividades são também realizadas, como o artesanato, através do trançado e da cerâmica; o extrativismo vegetal, realizado através da retirada do buriti; a criação de gado bovino, suíno e de galinhas caipira. Embora com menor intensidade, segundo entrevistas, registram-se, ainda, as atividades de caça e de pesca, que contribuem na dieta alimentar.

Os artesanatos em trançado são representados por cestos, “apás”⁷ “tipixis”⁸ e cadeiras e redes de algodão trançados em tear. O artesanato em cerâmica destina-se à utilização e à comercialização, consistindo predominantemente de peças de utilidade na culinária, como panelas e potes para armazenamento de alimentos e líquidos.

(7) Apá: peneira de selecionar arroz tecida com fibra de buriti.

(8) Tipixi: cesto de pensar mandioca.

Comumente, as atividades realizadas, particularmente as atividades relacionadas ao preparo da terra, do plantio e da colheita, envolvem vários membros do grupo familiar e até mesmo os vizinhos. Cada família recebe colaboração de outra ou de outras, em determinadas situações, compondo um sistema de reciprocidade, troca e solidariedade. Assim, como nas atividades acima citadas, as atividades envolvidas na confecção da cerâmica também são imbuídas de ajudas mútuas, tornando clara a presença de cooperação e reciprocidade permeando esta atividade artesanal.

Os cursos d'água têm um papel destacado na comunidade, sendo utilizados por alguns membros para o consumo e para atividades cotidianas que requerem água, como banho, lavagem de roupas e de vasilhas de uso doméstico. Entretanto, algumas casas possuem cisternas para este fim. O córrego Varginha, que passa dentro na comunidade, assim como o ribeirão Bom Jardim, são utilizados para banho e pesca. Eventualmente, utiliza-se a argila presente nas margens do córrego e do ribeirão Bom Jardim para a confecção de peças cerâmicas, porém esta argila não é privilegiada pelas ceramistas por conter, segundo elas, grande quantidade de areia.

A comunidade de Varginha diferencia-se das propriedades que a circundam e da grande maioria das propriedades do município da Chapada, que são marcadas por grandes fazendas com produção intensiva, seja na área da agricultura, seja na área da pecuária, resultando em extensas áreas desmatadas. As atividades econômicas realizadas na comunidade são marcadas pela relativamente pequena interferência no meio ambiente, uma vez que não há constante desmatamento, e a produção em pequena escala não é mecanizada. A produção da cerâmica também não é intensiva, ou em grande escala, de forma que não há uma exploração intensiva da matéria-prima, seja da argila, do *catipé*⁹ ou da madeira para combustão.

(9) *Catipé* consiste em uma regionalização do termo *cariapé* e se refere a um “tipo de tempero para cerâmica arqueológica, o qual consiste em cinzas obtidas pela queima do córtex de árvores ricas em sílica, muito comum no Brasil Central” (Souza 1997). O “tempero”, também denominado “antiplástico” ou “desengordurante”, designa um ingrediente (vegetal ou mineral) adicionado ao barro no momento da confecção da cerâmica para obter condições propícias para boa secagem e queima.

Os artesãos

A cerâmica de Varginha é produzida pelas mulheres da comunidade. A produção da cerâmica consiste em uma atividade essencialmente feminina. A participação masculina é eventual, como apoio nas fases da coleta do barro e comercialização das peças.

Todas as atividades relacionadas à fabricação da cerâmica são realizadas sem sacrifício das atividades e dos afazeres domésticos. Elas (as ceramistas) são donas de casa e mães. Aos homens cabe o cultivo da terra e o trato dos animais, excetuando-se as criações de quintal. Esta condição independe da relevância econômica do comércio da cerâmica, uma vez que, em algumas casas, a renda obtida pela comercialização desse artesanato chega a 80% da renda familiar (segundo dados de entrevistas). Na comunidade, os papéis sociais da mulher e do homem são claramente definidos.

Mesmo com o fato da relevância econômica dessa produção para as famílias, a fabricação de cerâmica não consiste na atividade prioritária das mulheres, pois as atividades domésticas têm precedência sobre quaisquer outras. A condição de ceramista não isenta a mulher de seus trabalhos na casa, uma vez que esta função é assumida por ela e está na base da estrutura familiar, sendo portanto primordial. Essa situação consiste em uma condição “naturalizada” pela comunidade.

Ressalta-se que algumas das atividades envolvidas na produção da cerâmica podem ser realizadas coletivamente e de forma lúdica. As atividades que se relacionam com a busca da matéria-prima, tanto do barro como do antiplástico, assim como o preparo deste último, podem ser realizadas coletivamente, envolvendo uma ou mais ceramistas e as crianças.¹⁰ As entrevistas apontam um aspecto lúdico ao se referir a essa atividade. Nas etapas seguintes as crianças não participam diretamente, e somente a queima das peças pode ser realizada coletivamente. Os homens podem participar da comercialização.

(10) Segundo várias entrevistas, eventualmente os homens (esposos ou filhos) podem ajudar na etapa da busca da matéria-prima, seja a argila, seja o *catipé*.

A produção da cerâmica consiste em uma prática consuetudinária, transmitida de geração a geração. Os processos de aprendizado e de perpetuação da cerâmica na comunidade de Varginha consistem em uma tradição que representa o passado no presente, traz elementos da memória do grupo, sendo neste caso, a memória entendida como uma “propriedade de conservar certas informações culturais” (Le Goff 1997). Isto pode ser confirmado quando aparecem nas entrevistas referências ao passado.

Durante as entrevistas, foram observadas várias vezes expressões “*de primeiro*” ou “*antigamente*”, palavras “que assumem função mítica ao insistirem em um passado que não volta mais” (Certeau 1998).

Atualmente existem seis mulheres na comunidade que confeccionam peças de cerâmica, como pode ser visto na genealogia da Família Mamoré ceramistas (Fig. 2). A origem desta prática não está relacionada diretamente à origem da família fundadora da comunidade, uma vez que a matriarca, Sra. Maria Margarida Mamoré, não confeccionava cerâmica, nem tampouco sua filha, integrante da comunidade, Sra. Brasileira. Esta prática foi introduzida fundamentalmente por meio do estabelecimento de casamentos entre filhos homens do casal Mamoré com mulheres de diferentes localidades da bacia do rio Manso e de outras regiões da Chapada.

A cerâmica de Varginha

Dados Extrínsecos: as categorias funcionais da cerâmica

Pode-se observar que as peças cerâmicas confeccionadas na comunidade possuem finalidades específicas e são utilizadas em contextos diferentes. Para cada modalidade de funcionamento, além de traços morfológicos específicos as peças possuem funções sociais diferenciadas, estando de acordo com os espaços funcionais aos quais se associam.

O primeiro espaço funcional no qual encontram-se as peças cerâmicas é o **ambiente doméstico**, onde as peças são utilizadas no cotidiano. O segundo refere-se aos **espaços coletivos**, definidos quando acontecem as festas religiosas. E o terceiro espaço funcional corresponde aos **circuitos de comercialização**, além dos limites da própria comunidade.

Conforme já observado em outras regiões do vale do rio Manso (Coletivo 2001, v.III: 175), “atualmente, as vasilhas de barro coexistem com as de ferro, alumínio, latão, louça, vidro e plástico [...]” Na comunidade de Varginha não é diferente, e a proporção de objetos não cerâmicos em relação aos cerâmicos é bastante grande. No entanto, é constante a presença de pelo menos uma peça de cerâmica na casa, representada principalmente pelo pote para armazenamento de água: “Para guardar água para beber [...] em toda casa existe um [pote de cerâmica] no canto da sala, quase sempre sobre forquilha de madeira” (Coletivo 2001, v. III: 175). Para o armazenamento de água para beber prevalece, atualmente, o recipiente de cerâmica. Já para o preparo de alimentos e armazenamento de grãos prevalecem, com alto percentual, os recipientes industrializados, com o predomínio de vasilhas de alumínio. No entanto, segundo entrevistas, em dias de comemorações de datas especiais, ou até mesmo nos encontros familiares rotineiramente realizados aos domingos, os pratos são preferencialmente preparados em grandes panelas de cerâmica. As peças de cerâmica que estão envolvidas no contexto das festas ocorrentes na região são os *vasos para flores* e, mais raramente, os *boiões*.

Conforme apontado acima, o comércio da cerâmica tem um papel relevante na comunidade, uma vez que aproximadamente 80 % da renda familiar é proveniente desta atividade (dado de entrevista). A venda da cerâmica está relacionada a uma pretensão de melhores condições de vida e de acesso ao mercado de consumo local (cidade de Chapada dos Guimarães).

As peças assumem três funções sociais distintas: utilitária, utilitário-ritual e comercial. A função social das cerâmicas apresenta uma íntima relação com os espaços/lugares ocupados. Os utensílios com função utilitária limitam-se ao ambiente doméstico (as *panelas, moringas e potes para armazenagem* encontram-se no interior das residências, e os *vasos para plantio* nas varandas das casas).

Já as peças com função utilitário-ritual encontram-se nas residências em que costumemente ocorrem as festas religiosas (os *vasos para flores* e os *boiões*). Estes vasilhames são então utilizados nestes momentos de sociabilização, nos quais os donos das casas recebem os integrantes da comunidade em sua residência.

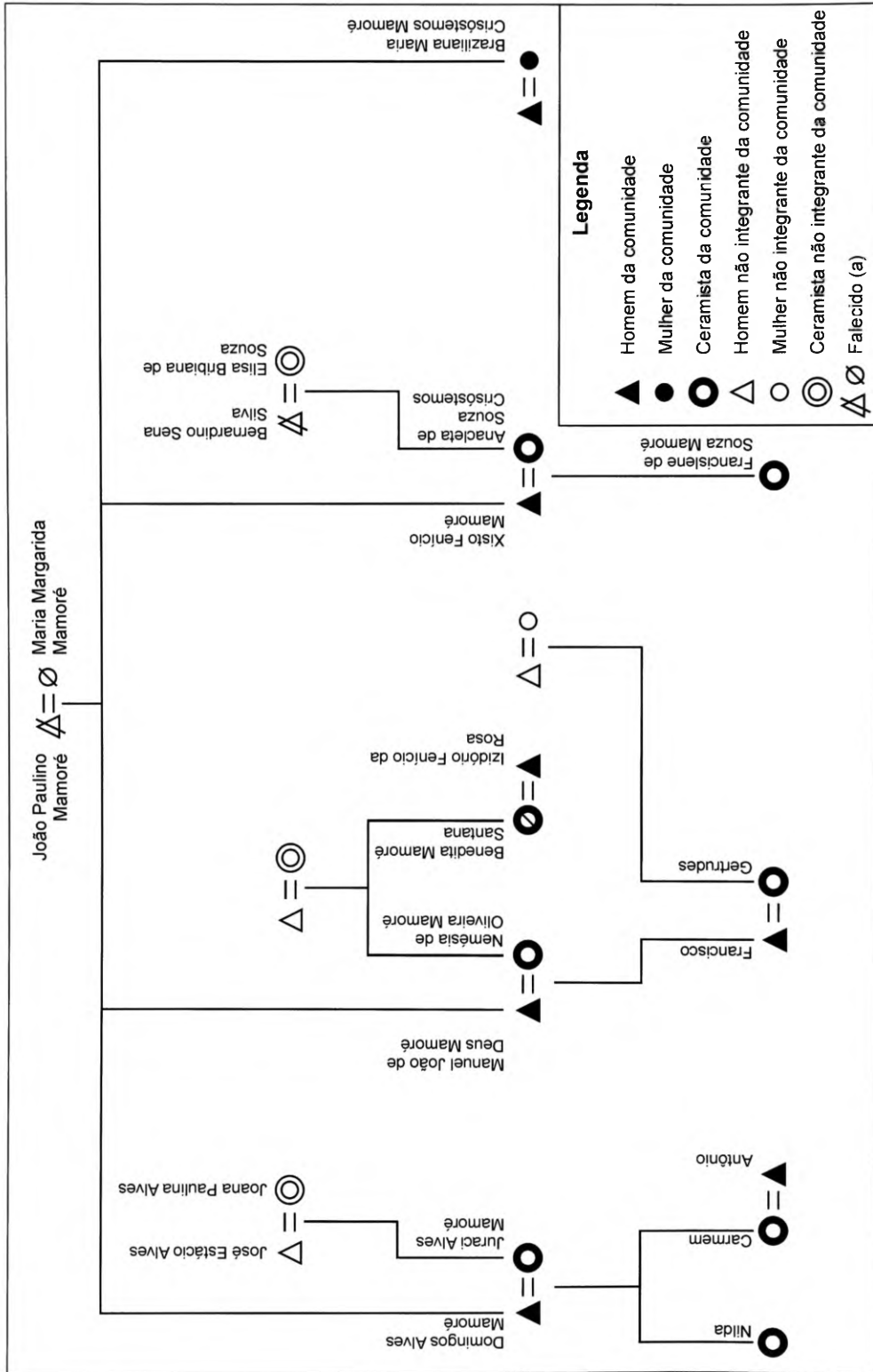


Fig. 2 – Genealogia da família Mamoré.

As peças com função comercial, por sua vez (*panelas, potes, vasos para plantio, fruteiras, assadores, pratos, canecas e pequenas tigelas*), são expostas em ambiente externo à comunidade, alcançando a cidade de Chapada dos Guimarães, até outras regiões, tendo em vista que se trata de uma cidade turística.

Desta forma, a primeira e a segunda funções descritas são exercidas em espaços que se limitam ao domínio cultural da comunidade, ao passo que a terceira função, comercial, é exercida em espaço que extrapola os limites da comunidade, não apenas os geográficos, mas os limites daquela estrutura social “formada por pessoas funcionalmente relacionadas” (Silva 1987: 229). Constatam-se, então, dois espaços distintos e opostos, demarcados e separados por uma oposição marcada pelo público e o privado, conforme abordados dentro da concepção de sociedade relacional de Roberto da Matta (1991), quando discute a sociedade a partir das categorias sociológicas a *casa* e a *rua*. Nesta abordagem, a *casa* e a *rua* são “entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens emolduradas e inspiradas” (Matta 1991: 17).

Dados Intrínsecos: a variabilidade tecno-morfológica

Critérios de descrição dos artefatos

A cerâmica de Varginha é composta basicamente por recipientes utilitários e decorativos. Para uma caracterização tecno-morfológica desta cerâmica foram selecionados doze tipos de recipientes que representam, em termos qualitativos, o universo de tipos de cerâmica confeccionada nesta comunidade: duas panelas, um pote, dois assadores, dois vasos, uma fruteira, um prato, uma tigela, uma caneca e uma moringa.

Baseando-se em estudos realizados por Shepard (1985) para análise tecno-morfológica de recipientes cerâmicos, elaborou-se um roteiro de análise em que foram explorados diferentes atributos.

Os recipientes de Varginha foram confeccionados segundo a técnica roletada associada à moldada, com exceção das tampas que foram confeccionadas exclusivamente a partir de molde.

Também foram analisados o tipo de decoração existente, presença de apêndices (como alça e asa), capacidade volumétrica do recipiente, tipo de queima (completa ou não) e densidade de antiplástico (cariapé) na peça.¹¹

Panelas

As duas panelas caracterizam-se por serem recipientes fechados, de contorno simples e base do tipo plana. As bordas são inclinadas internamente e sem reforço, com espessura de 10 a 12 mm. A abertura da boca é circular. A panela menor possui diâmetro de 16 cm e a maior (Foto 1) atinge 20 cm. Quanto ao lábio da borda, é do tipo arredondado com espessura de 10 mm. Ambas as panelas apresentam duas asas cada uma, localizadas em extremidades opostas. Em uma das panelas analisadas, as asas são curvilíneas; na outra, são retilíneas. Apresentam queima completa, densidade muito baixa de antiplástico (cariapé) no recipiente maior e densidade baixa no menor. Estas duas panelas se diferenciam também na capacidade volumétrica: uma comporta até dois litros, enquanto a outra somente um litro.

Pote

O pote (Foto 2) é do tipo fechado, com contorno infletido e base plana. A borda é inclinada externamente, com reforço na face externa, espessura de 13 a 14 mm e diâmetro circular de 24 cm. O lábio da borda é arredondado, com espessura de 15 mm. A capacidade volumétrica é de aproximadamente dezoito litros. Não possui apêndices nem decoração. Apresenta queima incompleta e alta densidade de antiplástico (cariapé). O pote analisado destina-se ao armazenamento de produtos sólidos.

(11) A densidade foi classificada em muito baixa (MB), baixa (B), alta (A) e muito alta (MA). Para esta estimativa foi utilizada a tabela apresentada por Mathew, Woods e Oliver (*apud* Orton 1993).



Foto 1 – Panela, recipiente cerâmico confeccionado na comunidade de Varginha (foto Silvio Bragato).



Foto 2 – Pote, recipiente cerâmico confeccionado na comunidade de Varginha (foto Silvio Bragato).

Moringa

A moringa é um recipiente fechado, com contorno infletido e base plana. Apresenta borda

com inclinação vertical, sem reforço, com espessura de 8 mm e diâmetro circular de 5,5 cm. O lábio da borda é plano, com espessura de 7 mm. Sua queima é incompleta. Há baixa densidade de cariapé na pasta. Sua capacidade volumétrica é de até dois litros. Destina-se ao armazenamento de pequenas quantidades de líquido.

Vasos

Com referência aos dois vasos, eles distinguem-se em diversos elementos, tendo em comum o fato de serem fechados, com contorno da parede infletido. Ambos apresentam bordas com inclinação extrovertida e sem reforço, com espessura entre 8 e 10 mm. Ambos possuem espessura da parede de aproximadamente 6 mm, abertura da boca em forma circular.

Fruteira

A fruteira possui base do tipo plana em pedestal e forma aberta com contorno de parede simples. Apresenta borda com inclinação externa e sem reforço, com espessura entre 8 e 10 mm e diâmetro de 24 cm. O lábio da borda é plano e entalhado em intervalos constantes, o que proporciona à peça um tipo de decoração peculiar. A espessura do lábio é de 8 mm. Não possui apêndices. A queima é incompleta, e a pasta apresenta baixa densidade de cariapé. A capacidade volumétrica é pequena, comportando até um litro. Este recipiente cumpre, ao mesmo tempo, uma função utilitária e decorativa, visando responder a uma demanda comercial.

Assadores

Quanto aos dois assadores, são abertos, com contorno simples e base plana. As bordas são verticalizadas, sem reforço e com espessura entre 12 e 15 mm. Um, com dimensões de 43 cm x 27 cm, possui abertura da boca em forma elíptica, enquanto o outro, com dimensões de 35 cm x 23 cm, em forma retangular. O lábio da borda é plano com espessura de 15 mm. Apresentam como apêndices asas retilíneas. A queima é completa e há baixa densidade de antiplástico. É também na capacidade volumétrica que estes dois assadores se diferenciam, o que apresenta dimensões maiores comporta até

quatro litros e meio, enquanto o outro até dois litros e meio. O objeto maior recebeu elementos decorativos que simbolizam um peixe. Observa-se ainda que, ornamentando este zoomorfo, há incisões e entalhes. Servem, obviamente, para assar alimentos.

Prato

Quanto ao prato, é do tipo aberto de contorno simples com base plana. Apresenta borda inclinada externamente e sem reforço, com a espessura entre 8 e 10 mm. A forma da abertura da boca é elíptica, medindo 17,5 x 23 cm. Quanto ao lábio da borda, é arredondado, com espessura de 10 mm. Não apresenta apêndices. Na face interna e central do recipiente observa-se um motivo floral, confeccionado por incisões finas. A queima é incompleta e a pasta apresenta baixa densidade de cariapé. Quanto à capacidade volumétrica, comporta aproximadamente um litro. Este tipo de recipiente destina-se ao serviço de mesa, além de cumprir um papel decorativo.

Caneca

A caneca é também um recipiente aberto de contorno simples e base plana. Apresenta bordas com inclinação interna, sem reforço, com espessura que varia entre 8 e 10 mm e diâmetro de 9 cm. Quanto ao lábio da borda, é do tipo arredondado, com espessura de 12 mm. Apresenta alça curva para cima. Sua queima é completa e possui muito baixa quantidade de antiplástico na pasta. A capacidade volumétrica é pequena (0,25 litros). Destina-se, também, ao serviço de mesa.

Tigela

A tigela possui também forma aberta, de contorno simples e base plana. Apresenta borda com inclinação externa e sem reforço, com espessura que varia entre 8 e 10 mm e diâmetro circular medindo 14 cm. O lábio da borda é arredondado, com espessura entre 8 e 10 mm. Não apresenta apêndices. A decoração é semelhante àquela observada na fruteira. Apresenta queima completa e muito baixa quantidade de cariapé na pasta. Sua capacidade volumétrica é também pequena (aproximadamente 0,4 litro). Consiste em uma peça de serviço de mesa, armazenando pequena porção de alimento.

O estudo da cerâmica de Varginha

Buscou-se identificar e compreender a tecnologia utilizada na confecção da cerâmica por meio da análise da *cadeia operatória*, que consiste no instrumento de observação e de análise dos processos envolvidos nas atividades artesanais tradicionais.

O conceito de *cadeia operatória* aqui adotado, foi desenvolvido por Leroi-Gourhan (1964/1965) e deriva da abordagem de Marcel Mauss acerca da tecnicidade tradicional (Dobres 1999).

Mauss (1993 *apud* Dobres 1999) buscou compreender o encadeamento pelo qual os recursos naturais são seqüencialmente transformados em objetos culturais através de gestos físicos em ambientes socialmente constituídos. Desta forma, percebeu que os atos técnicos eram uma parte integrante do modo como as tradições culturais eram mantidas e passadas. Ao mesmo tempo, Mauss estava interessado no conhecimento coletivo “oculto” sob os atos técnicos e, como o conhecimento técnico e o “saber-fazer” são reafirmados através da repetição dos gestos técnicos. Para Mauss, o conhecimento técnico (não só das propriedades físicas das matérias-primas e do conhecimento prático que habilita ao uso e à produção de artefatos, mas também, do “saber-fazer” técnico), é passado de geração a geração, firmado como valor e significado, e reafirmado através de sistemas de parentesco e aprendizagem. Desta forma, para Mauss, a tecnologia é dinâmica e social em seu âmago (Dobres 1999).

Leroi-Gourhan (1985), em *O Gesto e a Palavra*, enriquece a conceituação da atividade técnica numa perspectiva em que a técnica é ao “mesmo tempo, gesto e instrumento, organizada em cadeia por uma verdadeira sintaxe, que dá às séries operatórias ao mesmo tempo sua fixidez e sua flexibilidade” (Leroi-Gourhan 1964: 164, *apud* Desrosiers 1991: 21).

A tecnicidade foi amplamente discutida em Fogaça (2001): “sendo, talvez em última instância, uma expressão adaptativa, a tecnicidade é uma resposta adaptativa cultural [...]”:

“If the tool is a material extension of the person, so also is the acquisition of technique part and parcel of the acquisition of personhood in the process of socialization. **Learning technique is like learning your country or**

your kinship system: it both enables you to navigate effectively in a world of human and non-human others and makes you the person you are. Thus techniques are not merely ways of doing things, indifferent of the personhood of their operators; rather they are active ingredients of personal and social identity. In human society, in contrast [com primatas não-humanos], learning to do things in a certain way is also a matter of learning to do them differently from other people. Technical proficiency, then, is an aspect of social placement or belonging. [...] the local and regional diversity of technique is vastly greater than can be accounted for by variation in the circumstances of environmental adaptation. [...] people may adopt a particular technique not in ignorance of the variant practices of their neighbors, nor in absence of alternative models for imitation, but in full knowledge of locally available substitutes”¹² (Ingold 1993: 285 *apud* Fogaça 2001: 131, grifo nosso).

A adequação da idéia de cadeia operatória como ferramenta para a descrição e interpretação das atividades técnicas, em contextos etnográficos, segundo Fogaça (2001), depende substancialmente da definição de seus elementos essenciais, de unidades

(12) Se a ferramenta é uma extensão material da pessoa, assim também é a aquisição de parte da técnica e de parcela da aquisição da personalidade no processo de socialização. **Aprender a técnica é como conhecer seu país ou seu sistema de parentesco: ambos permitem navegar efetivamente em um mundo humano e não-humano, e faz a pessoa que você é. Assim, técnicas não são somente modos de fazer coisas, indiferente da personalidade dos seus operadores, que de fato são ingredientes ativos de identidade pessoal e social.** Na sociedade humana, em contraste [com primatas não-humanos], aprender a fazer coisas de um certo modo, também é uma forma de aprender a fazê-las diferentemente de outras pessoas. Proficiência técnica, então, é um aspecto da inserção social ou aceitação [...] a diversidade local e regional de técnica é imensamente maior do que pode ser considerado através de variação nas circunstâncias de adaptação ambiental. [...] as pessoas podem adotar uma técnica particular em ignorância das práticas variantes de seus vizinhos, não por ausência de modelos alternativos para imitação, mas por completo conhecimento de substitutos localmente disponíveis. (Ingold 1993: 285 *apud* Fogaça 2001: 131, grifo nosso).

mínimas a partir das quais serão estabelecidos os critérios de limitação das diversas etapas constituintes, em graus variáveis de generalização. Enquanto problema metodológico, é necessária a normatização da documentação, que depende das definições dos seus elementos essenciais, visando trabalhos comparativos (Balfet 1991a; Martinelli 1991):

“Cette notion, toute empirique qu’elle paraisse dans son contenu manifeste, comme moule descriptif, implique la détermination d’une unité abstraite, c’est-à-dire un découpage analytique dans un continuum observé d’opérations et de séquences instrumentales et gestuelles, le niveau de pertinence adopté résultant du type d’activité décrit, des moyens d’observation disponibles et de la problématique de recherche. Le problème peut se poser dans les termes suivants : l’étude d’une chaîne opératoire consiste à distinguer comment des hommes organisent des opérations techniques, c’est-à-dire les combinent dans un (des) ordre(s) déterminé(s), selon la nature des causalités mises en oeuvre par le jeu des contraintes et des options”¹³ (Martinelli 1991: 66).

Os dados de observação devem então constituir a base da construção da **cadeia operatória teórica**: “[...] *après avoir mis en évidence l’entremêlement des séquences et les variations dans leurs combinaisons, au-delà de l’ordre temporel des différentes séquences, faire apparaître leur ordre logique [...]*” (Cousin 1991: 55); que permite distinguir “*les opérations qui se suivent nécessairement et celles qui peuvent être diférées, voire supprimées, à quel moment et selon quelles*

(13) “Esta noção, por mais empírica que possa parecer em seu conteúdo manifesto, como molde descritivo, implica na determinação de uma unidade abstrata, ou seja, um recorte analítico em um *continuum* observado de seqüências e operações instrumentais e gestuais, sendo o nível de pertinência adotado resultado do tipo de atividade descrita, dos meios de observação disponíveis e da problemática da pesquisa. O problema pode ser colocado nos seguintes termos: o estudo de uma cadeia operatória consiste em distinguir como os homens organizam operações técnicas, quer dizer, como as combinam em determinada(s) ordem(ns) segundo a natureza das causalidades criadas pelo jogo entre as imposições e as opções” (Martinelli 1991: 66).

modalités peuvent intervenir des changements techniques”¹⁴ (Cousin 1991: 54).

A construção dessa cadeia operatória teórica depende, fundamentalmente, do estabelecimento de patamares analíticos mínimos, variáveis conforme a natureza de cada pesquisa:

“Au niveau le plus réduit, le geste technique, ou geste élémentaire, est défini par M. Maget comme «atome d’action technique». Le niveau le plus significatif à notre sens est celui auquel pourrait être réservé le terme *d’opération*; normalement identifiée par l’acteur, c’est l’unité de base de l’action technique, la plus petite unité d’action sur la matière, obtenue parfois par un seul geste, souvent par un geste répété, ou par un enchaînement de plusieurs gestes. Des opérations peuvent se regrouper en *séquences*. Niveau intermédiaire souvent utile comme sous-ensemble de la *phase*. Celles-ci, assurant le premier découpage de la chaîne opératoire, sont généralement identifiées sans ambiguïté parce que ce sont les grandes étapes «logiques» de l’action technique”¹⁵ (Balfet 1991a: 17).

As etapas envolvidas na atividade da confecção da cerâmica são definidas pelos gestos e instrumentos utilizados que definem os atos técnicos próprios de cada etapa.

As características tecno-morfológicas dos objetos não refletem os processos envolvidos na

sua produção,¹⁶ é necessário extrapolar os limites impostos pelos dados de ordens intrínsecas.

“A percepção de um objeto técnico não revela, pela sua forma, no seu estado acabado, nem o controle motor necessário à sua confecção (o *know-how* técnico) nem, tampouco, os princípios cognitivos na base dos conceitos que o determinam (o *knowledge* tecnológico). A aprendizagem necessária implica concomitantemente no desenvolvimento de um gestual preciso e controlado e na progressiva compreensão das regras inerentes” (Fogaça 2001: 132).

Algumas variantes que podem ocorrer em certos momentos de uma cadeia operatória resultam de procedimentos diferentes respondendo a acidentes, imprevistos e às marcas estilísticas individuais ou mesmo imposições comerciais. Para a confecção da cerâmica, por exemplo, as ceramistas podem adotar certos critérios avaliativos nos processos de coleta de argila, da confecção da peça e na queima. Essas escolhas, conscientes ou não, estão imbuídas de hábitos culturais que se transmitem através do tempo. Desconhecem as justificativas e conseqüências químicas e físicas de suas opções, mas sabem que seguindo estes critérios poderão obter um bom resultado.

A cadeia operatória da produção de cerâmica em Varginha, de um modo geral, foi dividida em fases, constituídas por seqüências (sub-fases), caracterizadas por uma repetição de um ou mais gestos. A cada mudança nos gestos envolvidos, decorrente de uma opção resultante de um conhecimento específico, a seqüência é finalizada, partindo-se então, para uma nova seqüência. Os limites dessa cadeia estão na busca da matéria prima e no produto final (podendo-se considerar também as etapas de circulação e de funcionamento dos produtos) (Fig. 3).

Considerando o conceito de Leroy-Gourhan (1985) discutido por Balfet (1991 a,b) sobre cadeia operatória, em que os gestos não são aleatórios, mas caracterizados por uma seqüência lógica de gestos (os quais estabelecem um contato transformativo com a matéria e estão imbuídos de significados específicos), reconhece-se que a produção de vasilhames cerâmicos da comunidade de Varginha pode ser compreendida

(14) “[...] as operações que se seguem necessariamente e aquelas que podem variar, ou mesmo ser suprimidas, em que momento e segundo que modalidades podem intervir mudanças técnicas” (Cousin 1991: 54).

(15) “Em um nível mais restrito, o gesto técnico, ou gesto elementar, é definido por M. Maget como ‘átomo da ação técnica’. O nível mais significativo para nós é aquele ao qual pode ser reservado o termo *operação*; normalmente identificada pelo autor, esta unidade de base de ação técnica, a menor unidade de ação sobre a matéria obtida às vezes por um só gesto, freqüentemente por um gesto repetido ou por uma cadeia de vários gestos. As operações podem se agrupar em *seqüências*, nível intermediário freqüentemente utilizado como sub grupo de *fase*. Estas asseguram o primeiro corte da cadeia operatória, são geralmente identificadas sem ambigüidade, pois são as grandes etapas *lógicas* da ação técnica” (Balfet 1991a: 17).

(16) Em cada seqüência, os gestos associados a ela deixam marcas impressas, no entanto, geralmente, os gestos associados à seqüência seguinte normalmente apagam as marcas deixadas pelos gestos anteriores.

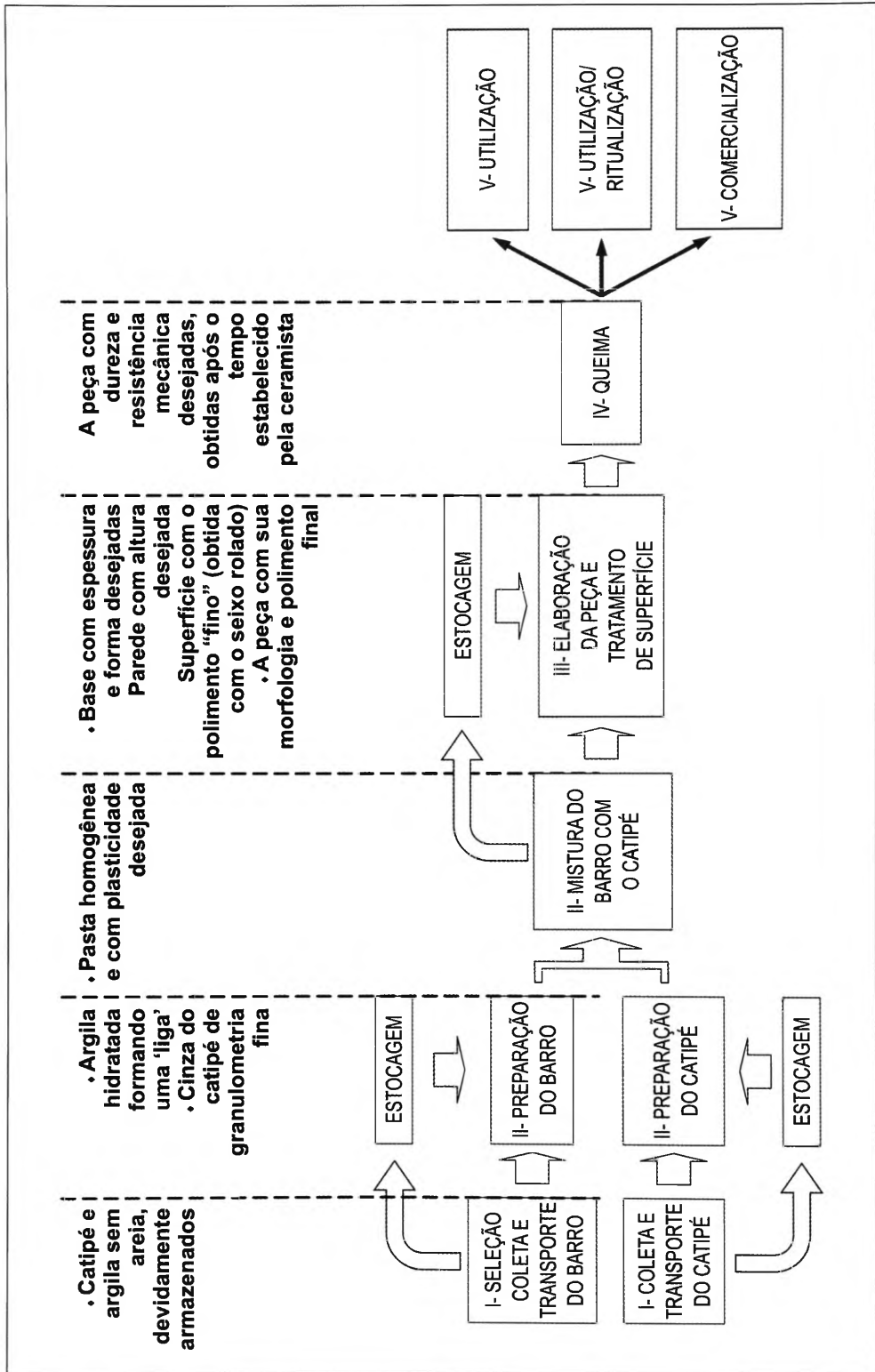


Fig. 3 – Estados de transformação da matéria avaliados pelos critérios do saber-fazer.

como uma manifestação cultural particular. Apesar do expressivo valor atribuído pela comunidade a essa tradição, a produção tende a desaparecer com a perda do saber-fazer e de sua transmissão a cada geração.

Um estudo de caso: apresentação da cadeia operatória da produção de uma *panela*

O recipiente do tipo *panela* foi selecionado para a observação e identificação da cadeia operatória por constituir, segundo entrevistas, uma peça tradicionalmente confeccionada na comunidade, não resultando de modificações recentes por necessidades comerciais. Quando indagadas acerca das peças confeccionadas por suas mães ou avós, as ceramistas remetem sempre às *panelas*¹⁷ e aos *potes*.

Suportes e instrumentos de trabalho

Há ferramentas que são utilizadas como parte da estrutura de apoio, enquanto outras são utilizadas diretamente na execução da peça. As primeiras são, neste trabalho, denominadas de *suportes* e as segundas, *instrumentos*.

Entre os suportes encontram-se sacos plásticos, latão, tacho de cobre, mesa, tábua (instalada sobre a mesa) e plástico flexível (instalado sobre a mesa). Dentre os instrumentos observados, destacam-se as mãos que constituem um instrumento de grande significância, pois não se limitam à função de manusear outros instrumentos, em contato com a pasta são utilizadas também como ferramentas para dar forma ao objeto. Sua anatomia e posicionamento são utilizados/ posicionados de acordo com o objetivo a ser alcançado. A utilização das mãos para a percepção (o tato) é constantemente recorrida, seja para controlar a umidade da pasta em preparo, seja para controlar a espessura da parede do recipiente em construção, entre outras utilizações.

Outros instrumentos observados durante as fases de produção da *panela*: enxada, facão, peneira, pilão/mão de pilão, sabugos de milho, colheres sem cabo, pedaços de plástico rígido, aro de metal (bocal de lanterna) e seixo rolado.¹⁸

(17) As tampas associadas às *panelas* não foram abordadas pelas ceramistas como sendo uma peça tradicional.

(18) Outros objetos como o pente, a caneta e a bisnaga de

As fases da produção (Fig. 4)

FASE I: Aquisição da matéria-prima

Primeira seqüência: deslocamento até a fonte, seleção, coleta e transporte do barro

Segunda seqüência: deslocamento até a fonte, coleta e transporte do *catipé*

FASE II: Preparação e mistura das matérias-primas

Primeira seqüência: preparação do *catipé*

- Primeira operação: queima.

Objetivo: transformação do vegetal em cinza.
Ferramenta suporte: latão, no interior do qual o material é queimado.

Local: quintal da casa da ceramista, em um tambor, ao lado da cobertura onde se encontram armazenados o barro e o *catipé*. Uma fonte de combustão é acionada sobre as cascas e galhos do *catipé*.

Agente: ceramista.

- Segunda operação: pilagem.

Objetivo: redução da granulometria do *catipé*.
Instrumentos e suporte: pilão de madeira e mão-de-pilão.

Local: quintal da casa da ceramista.

Agente: as netas (crianças) da Sra. Juraci, sob o olhar da ceramista.

- Terceira operação: peneiramento.

Objetivo: seleção de granulometria fina.

Instrumentos e suporte: peneira com aro de madeira e malha de metal, com uma bacia de plástico para receber o material peneirado.

Local: quintal da casa da ceramista.

Agente: as netas (crianças) da Sra. Juraci, sob o olhar da ceramista.

Segunda seqüência: preparação do barro

Primeira operação: *adição de água ao barro seco*.

Objetivo: hidratação do barro.

Instrumentos e suporte: mãos e vasilhame de cobre – tacho.

Local: interior do ambiente doméstico, sendo

remédio constituem também instrumentos, porém associados à confecção de outras peças.

um local específico: varanda da residência da ceramista.

Agente: ceramista.

Terceira seqüência: mistura do barro com o catipé

- Primeira operação: adição do *catipé* preparado ao barro previamente hidratado. Após a adição do *catipé* ao barro (no mesmo recipiente em que o barro foi preparado), inicia-se a mistura em movimentos concêntricos da borda para o centro.

Objetivo: obtenção de uma textura plástica homogênea.

Instrumentos e suporte: mãos e vasilhame de cobre – tacho.

Local: interior do ambiente doméstico: varanda da residência da ceramista.

Agente: ceramista.

FASE III: A confecção do objeto

Objetivo: obtenção da morfologia típica da panela.

Instrumentos e suporte: cada operação das seqüências que compõem esta fase possui instrumentos específicos, e os suportes são basicamente um plástico flexível e uma tábua, dispostos sobre a mesa.

Local: interior do ambiente doméstico: varanda da residência.

Agente: ceramista.

Primeira seqüência: construção da base

Objetivo: confecção da base.

- Primeira operação: separação da massa e modelagem em esfera.

Instrumentos e suporte: mãos e tábua sobre uma mesa.

- Segunda operação: modelagem da base.

Instrumentos e suporte: mãos e forro de plástico flexível sobre uma mesa.

- Terceira operação: raspagem da base.

Instrumentos e suporte: mãos, forro de plástico flexível sobre uma mesa e colher sem cabo.

Segunda seqüência: construção da parede

Objetivo: confecção do corpo.

- Primeira operação: obtenção de um rolete.

Instrumentos e suporte: mãos e tábua sobre a mesa.

Uma porção de barro é ajeitada na mão como

um bastonete (forma cilíndrica). Sobre a tábua na mesa, em movimentos de vai-e-vem com as duas mãos abertas, o bastonete foi sendo alongado em um comprimento aproximadamente do tamanho do perímetro da base e cerca de 3 cm de diâmetro (Foto 3).



Foto 3 – Obtenção do rolete para construção da parede da peça.

- Segunda operação: fixação do rolete na borda e raspagem para aderência.

Instrumentos: mãos, colher sem cabo e sabugo. O bastonete é levantado pelas extremidades e colocado sobre a borda da peça. Observa-se que ele é colocado sutilmente do lado de dentro da peça em fase de elaboração (Foto 4). Os roletes são aderidos, primeiramente, do lado de dentro, pressionando os polegares e, em outro momento, pressionando o indicador de cima para baixo. A maior pressão é exercida pelos polegares, sempre rotacionando a peça através de movimento giratório horizontal do plástico disposto sob a base. A colher sem cabo é utilizada para aderência do rolete à parte interna.

Posteriormente, faz-se aderir do lado de fora (Foto 5), por meio da fricção com um sabugo (Foto 6). O sabugo, na mão direita e em posição oblíqua, é deslizado de cima para baixo e, posteriormente, na horizontal.

A mão esquerda dispõe-se apoiando no lado de dentro. A peça é constantemente rotacionada girando-se o plástico que contém a peça. Repetem-se a primeira e a segunda operações por mais três vezes alternando a colocação dos roletes, ora por dentro, ora por fora.



Foto 4 – Detalhe das mãos da ceramista no momento da aderência do rolete, colocado sutilmente do lado de dentro da peça, à parede, usando essencialmente os polegares.



Foto 5 – Aderência do rolete colocado sutilmente do lado de fora da peça.



Foto 6 – Detalhe das mãos da ceramista manuseando sabugo de milho para raspagem da peça, permitindo aderência do rolete.

Atingindo assim, aproximadamente, 10 cm de altura.

Terceira seqüência: modelagem final

- Primeira operação: raspagem e alisamento da parede externa, e raspagem da parede interna. Instrumentos: colher sem cabo e sabugo de milho. A melhor adesão da parte interna é feita raspando com a colher (utilizando sua borda convexa). Além da raspagem para a adesão dos roletes e para a uniformização da espessura, raspou-se também o fundo (interior). A parte externa é trabalhada por meio do sabugo, regularizando a espessura. Os movimentos vão se tornando mais suaves, caracterizando não mais uma raspagem, mas um alisamento da peça. A mão esquerda apóia o outro lado que está sendo raspado/alisado, seja o interior com a colher, seja o exterior com o sabugo.
- Segunda operação: modelagem das asas. Instrumentos: mãos.
- Terceira operação: secagem e retirada do suporte plástico da base. Instrumento: mãos.

Quarta seqüência: tratamento de superfície

- Objetivo: polimento da superfície.
Local: ambiente doméstico: a varanda da residência da ceramista.
Agente: ceramista.
- Primeira operação: lixamento da peça. Instrumentos e suporte: mãos e lixadores (pedaço de plástico rígido e aro de metal).
 - Segunda operação: polimento da peça. Instrumentos e suporte: mãos e seixo (pedaço de plástico rígido e aro de metal).

FASE IV: Queima da Peça

Primeira seqüência: cozimento das peças

- Primeira operação: queima. Objetivo: aumentar a dureza e rigidez do objeto (talvez alterar a permeabilidade da peça). Ferramenta suporte: forno de alvenaria. Local: quintal da casa da ceramista, sob uma cobertura. Agente: ceramista.

A panela, agora com sua forma final, é colocada, juntamente com outras confeccionadas

Fases	Seqüências	Operações	Suporte	Instrumentos	Objetivos	Local	Agente			
I-Aquisição da matéria-prima	Seleção, coleta e transporte/ secagem do barro		Caixa de amianto; Saco plástico	Enxada	Obtenção de barro	Área de entorno	Ceramista			
	Coleta/transporte do catipé		Saco plástico	Fação	Coleta de cascas grossas					
	II-Preparação e mistura das matérias-primas	Preparação do catipé	Queima	Latão		Obtenção de cinza de catipé (granulometria fina)	Quintal	Ceramista		
		Pilagem		Pilão / Mão de pilão						
Preparação do barro		Peneiramento	Bacia	Peneira	Hidratação do barro	Varanda				
Mistura do barro com o catipé		Adição de água ao barro Adição de catipé	Tacho	Mãos Mãos	Obtenção de textura homogênea					
III Confeção do objeto	Construção da base	Modelagem em esfera achatada	Tábua / mesa Plástico / mesa	Mãos	Confeção da base	Ambiente doméstico sob cobertura	Ceramista			
		Modelagem da base		Mãos; Colher/s/ cabo						
	Construção da parede	Raspagem interna	Tábua / mesa	Mãos	Confeção do corpo					
		Obtenção dos roletes	Plástico / mesa	Sabugo de milho Colher sem cabo						
	Modelagem final	Fixação dos roletes na borda		Sabugo de milho	Forma final					
		Alisamento/raspagem/ Modelagem das asas			Aumentar a dureza e a rigidez da peça					
	Treatmento de superfície	Secagem. Retirada do suporte plástico		Plástico rígido/Aro de metal/ Seixo rolado	Polimento					
		Lixamento (desbastar)/ Polimento								
	IV	“Cozimento” das peças	Colocação das peças em forno fechado	Forno/ Madeira p/ combustão				Aumentar a dureza e a rigidez do objeto	Quintal	Ceramista

Fig. 4 – Tabela de fases da cadeia operatória da confeção de uma panela de varginha (fonte: Modificado de BALFET 1991.b).

anteriormente, no forno de alvenaria. As peças são colocadas sobre uma superfície suspensa de modo que é possível colocar madeira em torno e sob as peças, que são queimadas por aproximadamente 8 horas, com constante alimentação do forno. Todas as peças são retiradas do forno somente no dia seguinte à sua queima, pois o resfriamento deve ser lento.

Em todas as fases da produção foram observados saberes e conhecimentos específicos relacionados às diferentes escolhas ou critérios adotados. Os métodos culturalmente determinados e os esquemas conceituais indicam as mudanças de operação que ocorrem quando alcançados determinados objetivos.

A seleção do barro é realizada utilizando-se essencialmente o tato. Usam-se as mãos e os dentes para a identificação da argila de boa qualidade, ou, como denominado por elas, do “barro bom”. O “sentir com as mãos” e “sentir com os dentes” constituem categorias usadas para identificar a presença de areia, pois é consenso entre as ceramistas da região que a presença deste sedimento é maléfico e provoca rachadura na peça.

A escolha do *catipé* é feita visualmente. Privilegiam-se as cascas grossas que são retiradas com facão dos troncos das árvores, ou dos galhos soltos nos lerões.¹⁹

A coleta da matéria-prima é considerada concluída quando a argila e o *catipé* selecionados encontram-se devidamente armazenados.

O preparo do *catipé* é concluído quando as cinzas e carvões, percebidos pelas mãos, encontram-se na granulometria desejada.

Para o preparo do barro e mistura da matéria-prima utiliza-se novamente o tato. O barro é considerado hidratado quando se obtém uma ‘liga’ possível de ser movimentada com determinada leveza. A mistura é considerada finalizada quando, após adicionar ambas as partes, a pasta adquiriu homogeneidade (percebida pela visão e tato).

A base é finalizada quando atinge espessura,

forma e tamanho desejados. A parede, construída a partir de roletes, é finalizada quando os mesmos estão aderidos (por meio de raspagem e fricção da pasta) uns aos outros, e quando a peça atinge altura e espessura desejadas.

Ao ser concluída a confecção da peça – com sua morfologia final – permanece em repouso por aproximadamente três dias. As ceramistas perceberam empiricamente que esse é o tempo necessário para o repouso da peça antes do tratamento de superfície, pois antes disso ela não possui dureza suficiente para ser lixada ou polida.

Por fim, a peça, já com polimento, é queimada em tempo determinado pelas ceramistas (aproximadamente oito horas). É realizada a queima de várias peças ao mesmo tempo, por uma questão de otimização da energia gasta.

Conclusão

A partir do estudo da cerâmica produzida atualmente na comunidade de Varginha, podem-se observar suas propriedades intrínsecas e extrínsecas.

Foi possível explorar a morfologia das peças associadas aos espaços funcionais, representados pelo universo da casa, da festa religiosa e do comércio, bem como às modalidades de funcionamento dos vasilhames, como assar, cozinhar, decorar, atender serviço de mesa, relacionado às suas funções sociais, a saber, utilitária, utilitário-ritual e comercial.

Identificaram-se ainda as características tecno-morfológicas associadas à cerâmica e os locais de produção. Ampliou-se a compreensão acerca das técnicas gestuais desenvolvidas no processo de produção dos recipientes e dos critérios técnicos necessários para finalização de cada fase, observando que as fases da produção são envolvidas por saberes e conhecimentos específicos relacionados às diferentes escolhas ou critérios adotados, e ainda que os métodos culturalmente determinados e os esquemas conceituais indicam as mudanças de operação que ocorrem quando alcançados determinados objetivos.

(19) *Lerões* consistem em fileiras, alinhadas paralelamente, de material cortado resultante do roçado.

VIANA, S.A. The pottery production of Varginha (MT): a traditional practice. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 175-195, 2003.

ABSTRACT: In this article features are presented which concern pottery production in Varginha Community, searching to understanding the know-how in this usual practice transferred from generation to generation. By constructing the technical production as an cultural manifestation, we sought to characterize not only the pottery's technical-morphological elements associated to functional spaces and working modalities, but also the process and gesture techniques developed in the production of pottery.

UNITERMS: UNITERMS: Varginha community – Pottery – Techno-morphology – Operatory chain.

Referências bibliográficas

- AMADO, L. DE FL.C.
2001 *São Francisco e os Pretos: continuidade e mudança em uma comunidade rural do rio Manso-MT*. Goiânia: Dissertação de Mestrado, UCG / Departamento de Filosofia e Teologia.
- BALFET, H.
1991a Des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire? H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 11-19.
1991b Une Chaîne Opératoire Éclatée: l'aïoli provençal. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique Des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 63-64.
- BRASIL, MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA/DNPM
1982 Projeto RADAMBRASIL: Levantamento de Recursos Naturais. Mapa Geomorfológico, escala 1:1.000.000, Rio de Janeiro. Folha SD 21 - Cuiabá.
- CERTEAU, M.A.
1998 *Invenção do Cotidiano*. São Paulo: Editora Vozes.
- COUSIN, F.
1991 L'analyse de chaînes opératoires complexes: l'exemple des tissus imprimés. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 51-59.
- COLETIVO
2001 Projeto de Levantamento e Resgate Patrimônio Histórico-cultural da região da UHE-Manso. Relatório Final de Atividades, V I, III. L.M. Fraga (Coord.). Goiânia, FURNAS- Centrais Elétricas S.A./ IGPA - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/ Universidade Católica de Goiás.
- DESROSIERS, S.
1991 Sur le Concept de Chaîne Opératoire. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 21-25.
- DOBRES, M.-A.
1999 Technology's Links and Chains: the processual unfolding of technique and technician. M.-A. Dobres; C.R. Hoffman (Eds.) *The Social Dynamics Of Technology: practice, politics, and world views*. Washington: Smithsonian Institution Press: 124-146.
- FOGAÇA, E.
2001 Mãos para o Pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso – as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil-12.000/10.500 BP). Porto Alegre, Tese de Doutorado, PPGH/PUCRS.
- GALLAY, A.; SAUVAIN DUGERDIL, C.
1981 *Le Sarnyéré Dogon Archéologie d'un Isolot, Mali, Afrique Occidentale*. Paris: Ed. ADPF.
- GALLAY, A.
1986 *L'archéologie Demain*. Paris: Pierre Belfond. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. São Paulo: 2000.
- LE GOFF, J.
1997 Memória. *Enciclopédia Einaudi*, V. 1. Lisboa: Ed. Portuguesa.
- LEROI-GOURHAN, A.
1985 *O Gesto e a Palavra*. 2. Memória e Ritos. Lisboa: Ed. 70, Ltda. [1ª ed. francesa, 1965].
- MARTINELLI, B.
1991 Une Chaîne Opératoire Halieutique au Tongo. Reflections sur la Méthode. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes*

- Opérateurs, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 65-86.
- MATTA, R. DA
1991 *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.
1993 *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANDRONI, P.
1996 *Dicionário de Economia e Administração*. 3º fascículo. São Paulo, Nova Cultural: 132.
- SHEPPARD, A.O.
1985 *Ceramics for the Archaeologist*. Carnegie Inst. of Washington.
- SILVA, B.
1987 *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- SOUZA, A.M.
1997 *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro-RJ, ADESA.
- VIANA, S.A.
2002 Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico Pré-histórico da Região de UHE-Manso/MT. Relatório Final de Atividades. Goiânia-GO, FURNAS/UCG/IGPA.
- VILHENA-VIALOU, A; VIALOU, D.
1994 Les Premiers Peuplements Préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Paris, 91 (4-5): 257-63.
- WÜST, I.
1990 Continuidade e Mudança – para uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

Recebido para publicação em 3 de junho de 2003.